

MANUAL
DE CAMPANHA
DO VOLUNTARIO
CONSTITUCIONALISTA.

DE LA

COMPILADO NA
ASSISTENCIA TECNICA
MILITAR DO

M.M.D.C



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Manual de Campanha

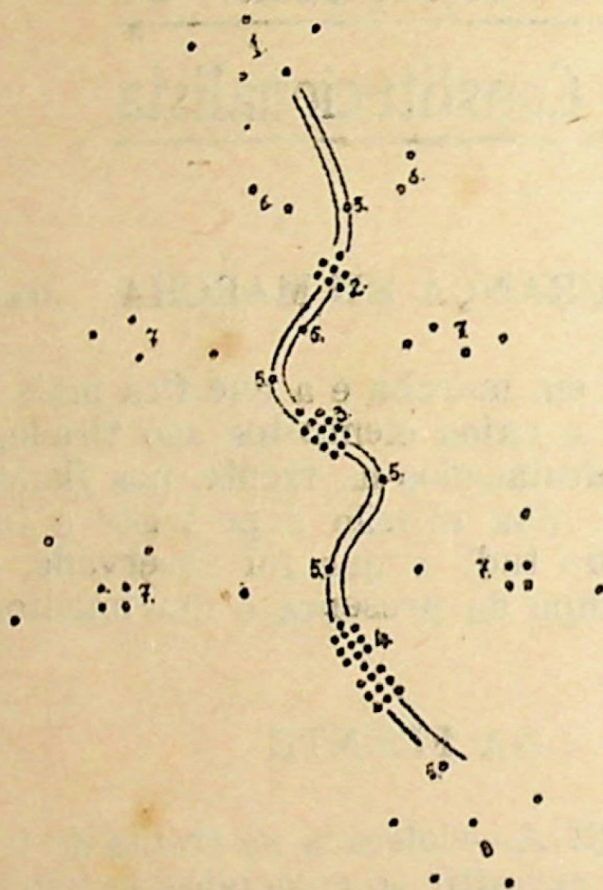
do

Voluntario Constitucionalista

*Adolfo Herman
de 12/11/1932*

Compilado sob a direção
da Assistência Técnica
Militar do M. M. D. C.

S. PAULO - AGOSTO - 1932



-
1. Esclarecedores ou batedores
 2. Ponta da vanguarda
 3. Testa da vanguarda
 4. Grosso da vanguarda
 5. Agentes de transmissão
 6. Flanqueadores
 7. Patrulhas de flanco ou flancoguardas
 8. Patrulha ou Guarda da retaguarda

fig 1.

te da trópa, explorando o terreno tanto na frente como nos flancos, informando ao seu chefe tudo o que fôr observado com relação ao inimigo, sendo a sua principal missão aproximar-se o quanto possível deste, sem que sejam presentidos. Para isso os batedores deverão manter absoluto silencio, marchando ao lado das estradas, ocultando-se o mais possível nos accidentes do terreno, conduzindo a arma na mão, carregada e travada, pronta para fogo em casa de necessidade. O batedor ou esclarecedor só deve atirar quando receber ordem ou para assinalar a presença do inimigo. (Isto, quando não pudér fazer por outros meios). Como regra geral, nunca deverá atirar sobre um infante ou cavaleiro que esteja a mais de 300 metros.

PONTA—A ponta da vanguarda deve marchar á distancia variavel de (150 a 200 metros) atraz dos esclarecedores ou exploradores e protegida pela vigilancia destes. A sua marcha deve ser realizada com todo o cuidado, ocultando-se sempre nas depressões do terreno, devendo abaixar ou ajoelhar atraz dos obstaculos que encontrar, quando fôr necessario fazer alto. Sua missão é de fornecer os esclarecedores, substitui-los e apoia-los quando forem atacados. O comandante da ponta marcha geralmente com os batedores e tem como ordem:—1.º) objectivo a atingir; 2.º) o eixo da marcha para atingir esse objectivo; 3.º) velocidade da marcha; 4.º) hora do primeiro alto-horario; 5.º) senha e contra-senha.

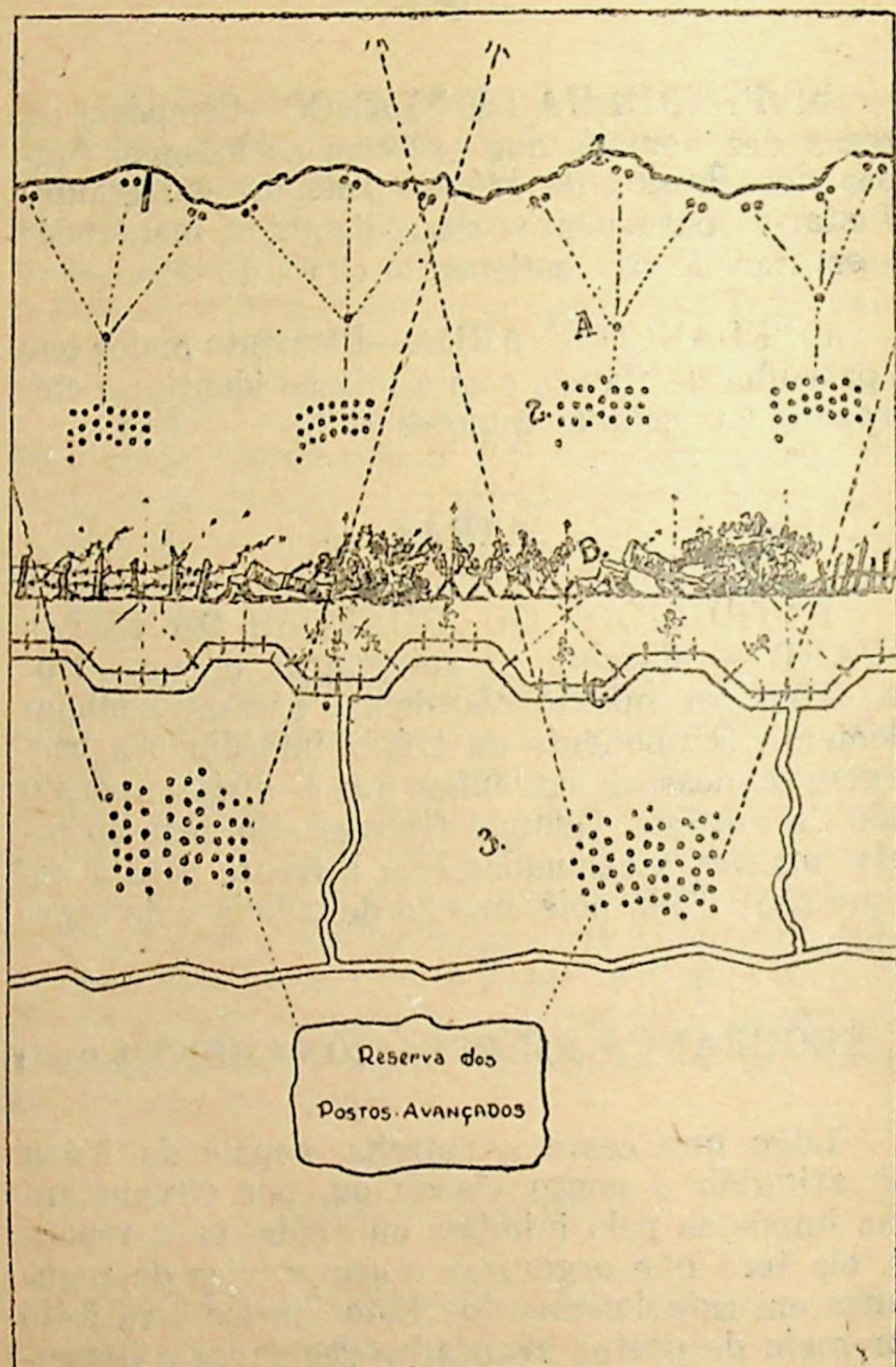


fig. 2.

POSTOS AVANÇADOS — Rêde completa de elementos encarregados da vigilância e defesa da tropa e, fornecidos pela vanguarda. Sua missão é evitar infiltração do adversario, dentro das linhas de vigilância, prôvendo pois, a segurança da tropa que repousa confiada nos elementos destacados para esse fim. Seus elementos, a começar da frente, são: —

Sentinelas duplas.

Pequenos póstos.

Posto principal.

Reservas dos póstos avançados.

SENTINELAS DUPLAS — São constituídas por dois homens, sendo que um fica no lugar onde foi colocado (sentinela fixa), enquanto o outro (sentinela móvel), explora o terreno. A sentinela móvel nunca ultrapassará a metade da distancia que vai ás sentinelas vizinhas, comunicando tudo que observar ao comandante do pequeno posto. As sentinelas devem estar sempre atentas, observando o setôr que lhes foi confiado, procurando colocar-se em lugar onde não possam ser vistas pelo inimigo. Os seus deveres principaes, são: —

Na frente

- 1.^a) Rigorósa vigilância na direção provavel do inimigo.
- 2.^a) Setôr de vigilância.
- 3.^a) Pontos de referencia para o tiro.

Aos lados

- 4.^a) O que têm á direita.
- 5.^a) O que têm á esquerda.

- | | |
|------------------|--|
| | 6. ^a) Localização do pequeno posto. |
| <u>Atraz</u> | 7. ^a) Caminho de regresso para o pequeno posto. |
| | 8. ^a) Como devem proceder em caso de serem atacadas. |
| | 9. ^a) Sináls convencionados. |
| <u>No centro</u> | 10. ^a) Senha e contra-senha (só devem receber a contra-senha). |
| | 11. ^a) Qual a fixa e qual a móvel. |

SENTINELAS DE LIGAÇÃO OU DE ARMAS—Devem transmitir ao pequeno posto, ao qual elas pertencem, todos os sinais que lhes são dados pelas sentinelas duplas, indicando o seu numero.

PEQUENOS POSTOS—As sentinelas duplas e as das armas, e, mais as rondas e patrulhas, são os elementos que constituem os pequenos postos. Estas patrulhas são encarregada de missões especiaes, como sejam:—colher informações fóra das linhas das sentinelas recebendo as seguintes ordens: —

- 1.^a) Ponto onde deve transpôr a linha, tanto na ida como no regresso.
- 2.^a) Itinerario a seguir.
- 3.^a) Sinais convencionais (apito, levantar o fusil verticalmente, tiro, etc.).
- 4.^a) Contra-senha.
- 5.^a) Tempo aproximado para o desempenho de sua missão.

As rondas do pequeno posto são constituídas por um graduado e um ou dois soldados. Têm por missão verificar si o serviço dentro das linhas das sentinelas está sendo realizado com regularidade. O pequeno posto geralmente ao ser atacado oferece ligeira resistencia, reagindo a aggressão, recolhendo-se em seguida ao posto principal, pelo caminho previamente escolhido para o caso de ataque.

POSTO PRINCIPAL—Cada posto principal deve fornecer, no minimo, dois pequenos póstos e mais os serviços auxiliares. O seu efetivo deve ser sufficiente para substituir os pequenos póstos que lhe pertencem, quando haja necessidade dessa substituição. A linha de resistencia está, geralmente, na dos póstos principaes.

RESERVA DOS PÓSTOS AVANÇADOS — Compreende a maior parte do efetivo das tropas empregadas nos serviços de póstos avançados, devendo constituir o dobro das empregadas nestes. A sua localização deverá ser feita de maneira que fique ao abrigo do fogo da artilharia inimiga.

SENHA E CONTRA-SENHA

O reconhecimento entre os diferentes elementos nos Postos Avançados faz-se por meio da senha, contra-senha e sinais convencionados.

SENHA E CONTRA-SENHA—Duas palavras usadas na rêde de vigilancia e sem as quaes

pessoa alguma poderá transpo-la sem ser reconhecida. A sentinela pedirá á pessoa que dela se aproximar, a senha, dando-lhe em seguida a contra-senha. A senha e contra-senha se compõe de duas palavras geralmente começando com a mesma letra ou que se liguem por uma relação de sentido.

Exemplo:

Senha—Fernão Salles

Contra-Senha—Pouso Alegre

SINAIS CONVENCIONAES

O soldado deve familiarizar-se com os sinais dados para serem vistos ou escutados (estes geralmente usados á noite) e que facilitem o reconhecimento entre os elementos dos postos avançados do serviço de segurança em marcha e no combate, que são de muita utilidade e importancia. Esses sinais de reconhecimento podem ser dados com movimentos do braço ou da arma, apito, tiro, assobios, pancadas na arma, batidas na bandoleira, zumbido de insetos, pio dos passaros, etc.

UTILIZAÇÃO DO TERRENO E ORGANIZAÇÃO DE ENTRINCHEIRAMENTO LIGEIRO EM CAMPANHA

—Uma trópa deve saber utilizar convenientemente os accidentes do terreno, para poder mar-

char sob o fogo inimigo sem riscos de grandes perdas. Esses accidentes são chamados **obstaculos**, que pôdem ser:—abrigos ou cobertas.

ABRIGOS—São os que protegem contra as vistas e contra o fogo do adversario. Os abrigos para serem utilizados com vantagens devem preencher trez condições:—1.º) visibilidade da frente; 2.º) poder fazer uso da arma; 3.º) poder continuar a marcha. Essa utilização poderá ser feita na posição que mais convenha ao atirador, tendo em vista a sua proteção, apoio de sua arma, seja na posição em pé, de joelhos, sentado ou deitado. Os abrigos deverão ser sempre utilizados do lado direito, tendo em vista a proteção do corpo do atirador.

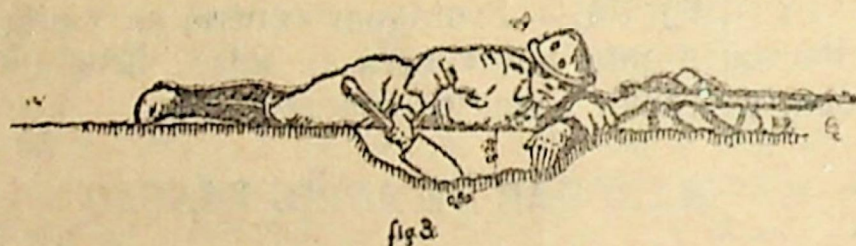
COBERTAS—Protegem contra as vistas do adversario, mas não contra as balas. Exemplo:—Sébe, capinzal, arbustos espessos, etc.

MARCHAS DE APROXIMAÇÃO

—Nessas marchas os atiradores deverão guardar entre si um intervalo, nunca infeior a 5 passos. Devem ter o maximo cuidado na passagem de um obstaculo a outro. Para isso, antes de abandonarem um, deverão ter escolhido outro, anteriormente, que não esteja muito afastado do primeiro, fazendo isso marchando em zig-zag, conservando sempre a ligação com seus companheiros. Quando, porém, faltarem os obstaculos naturaes, o atirador vêr-se-á na contingencia dele próprio construir o seu esconderijo:—máscara.

MÁSCARA

—Durante a ação do combate, a primeira coberta ou máscara, será feita:—com tudo o que estiver ao alcance do atirador ou com o auxílio das ferramentas que carregue para esse fim (pá ou picareta). Esse trabalho deve ser realizado de combinação entre os atiradores. Enquanto um vigia ou atira, o outro irá fazendo a sua máscara, escavando o terreno no seu lado direito e colocando a terra diante de si, formando um parabolas. Feito isso, ele passará a ocupa-la e, já em posição mais segura, ficará observando ou atirando, para que o seu companheiro possa também construir a sua máscara. (fig. 3).



TRINCHEIRA

Havendo necessidade de conservar a posição no terreno, o atirador procurará melhora-la, indo aos poucos aprofundando a máscara na parte posterior até atingir a profundidade de 70 cm., procurando formar na anterior uma banquetta de 40 cm. por 40 cm., para que possa atirar sentado. (fig. 4).

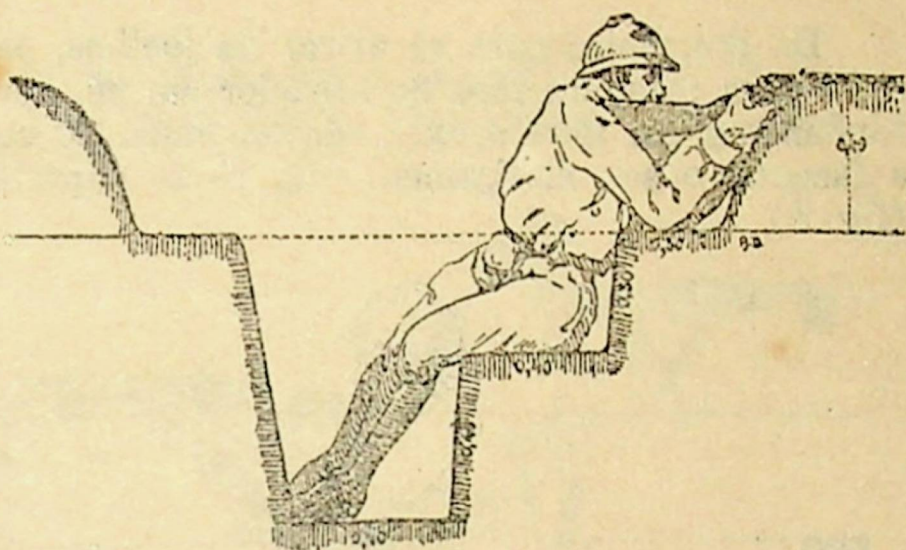


fig. 4

Passa-se da trincheira para o atirador sentado, para a de joelhos, retirando a terra da banquetta e colocando-a para reforçar a crista de fogo. (fig. 5).

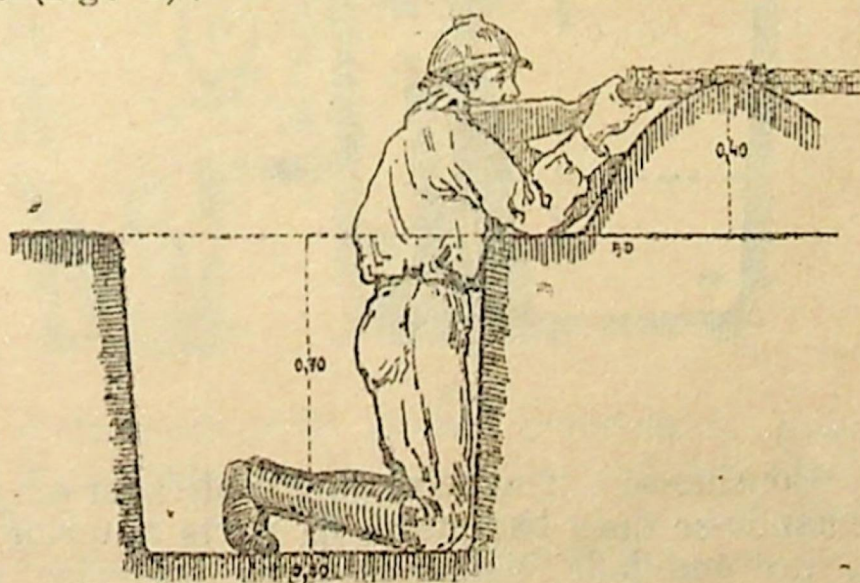


fig. 5

Da trincheira para se atirar de joelhos, passa-se para primeira fase do atirador em pé, aprofundando-a em toda a extensão em mais 20 cm. e fazendo o seu alargamento na parte superior. (fig. 6).

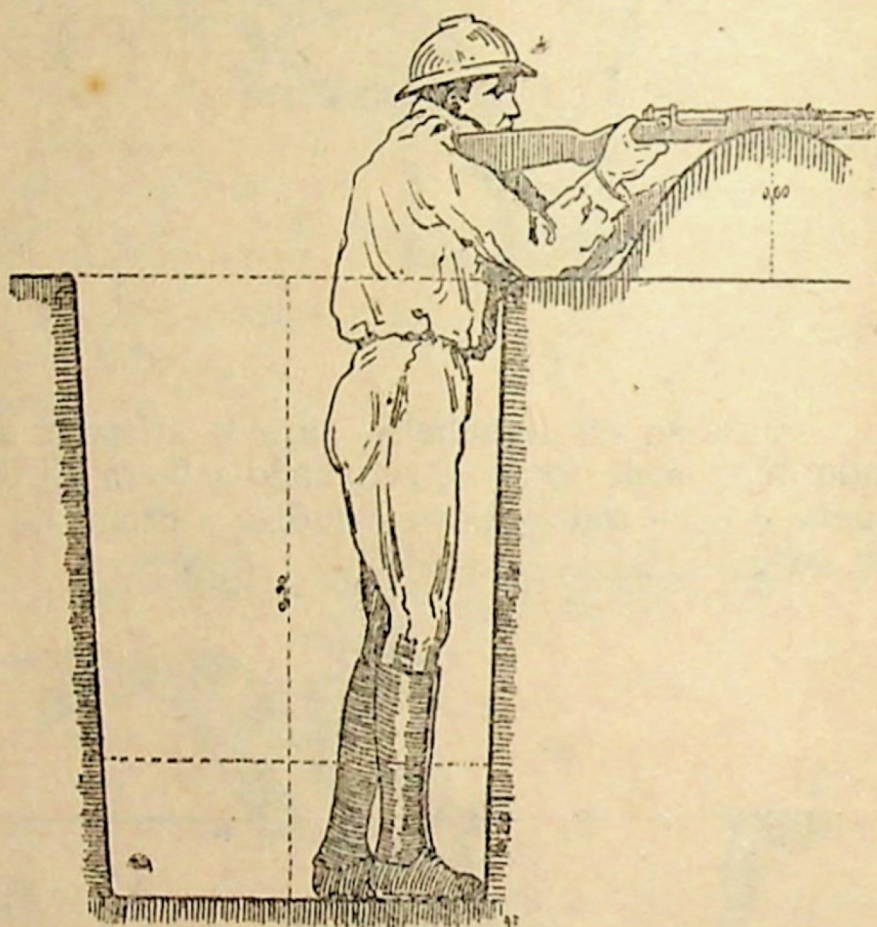
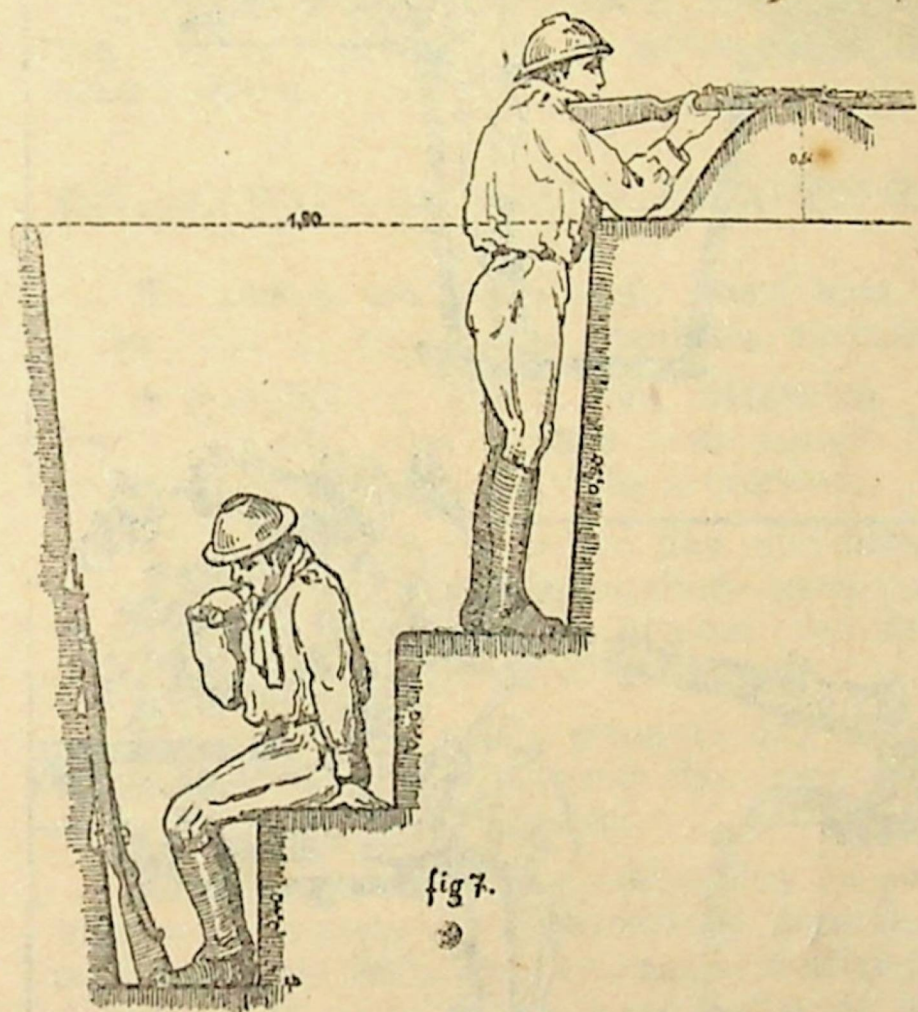


fig 6

Conclue-se a trincheira para o atirador em pé, formando-se duas banquetas na parte anterior de sua profundidade, deixando-se na posterior um

sulco para escoamento das aguas, constituindo o transito livre nas trincheiras, sem incomodar os atiradores. (fig. 7).



Para construção destas trincheiras, podem ser empregadas as ferramentas portateis conduzidas pelos proprios soldados ou, as ferramentas de parque, de maiores dimensões, que serão conduzidas sobre animaes ou carretas ou ainda,

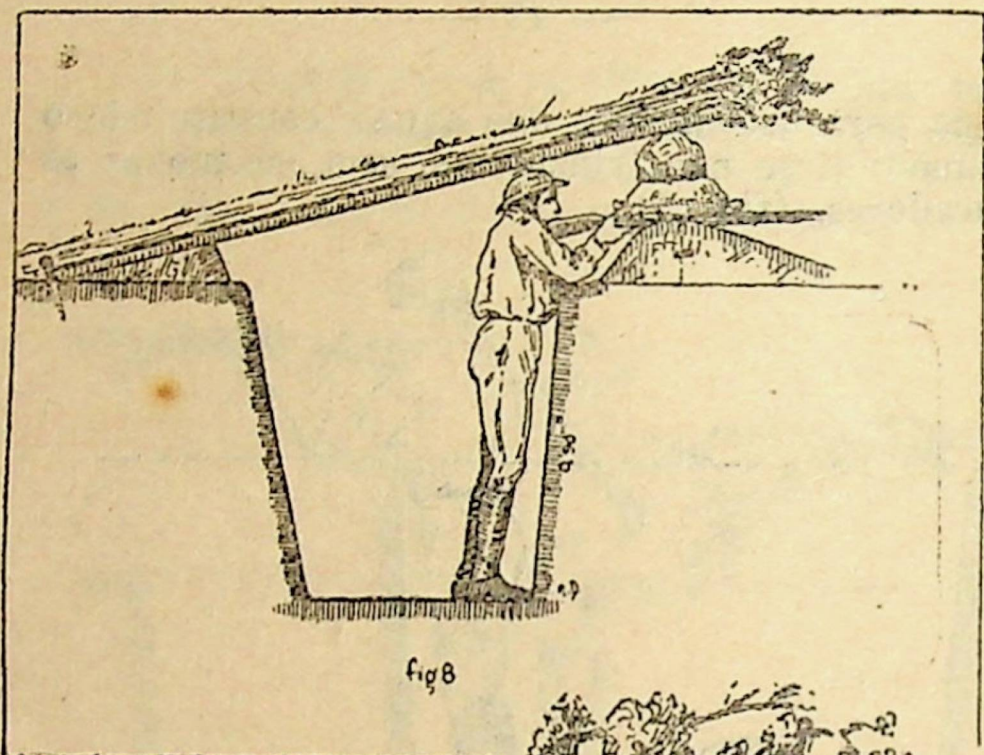


fig 8

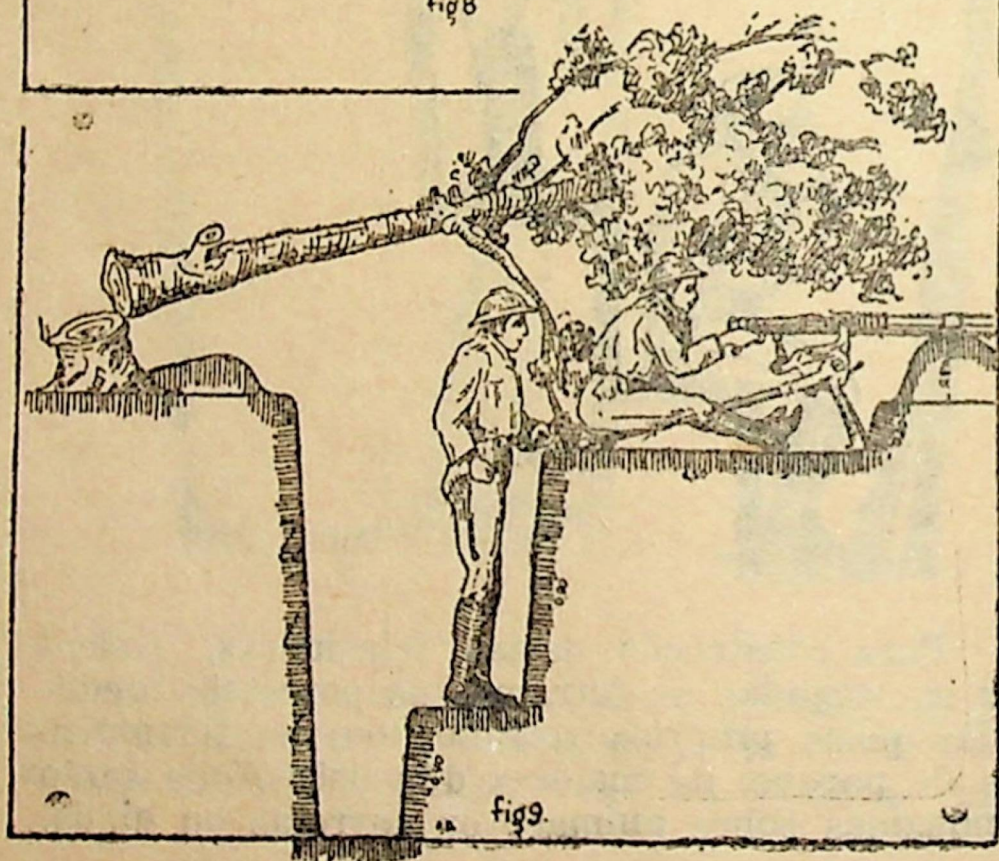


fig 9.

requisitadas nas visinhanças, caso não se disponha das mesmas. As de maior necessidade são a pá, picareta, alavanca, picão; etc. As figs. 8 e 9, mostram respectivamente, uma trincheira protegida contra o ataque de aviões e uma para metralhadoras.

NORMAS PARA ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

Na escolha do lugar onde cavar uma trincheira, deve-se cuidar das seguintes normas:

1.º)—Lembrar que a obra defensiva deve sempre adaptar-se ao terreno e ao escopo tático fixado, tendo sempre em vista a ofensiva.

2.º)—Procurar que o tiro das metralhadoras e fúsis seja razo o quanto possível—para utilizar ao maximo a eficiencia das armas; com tiro inclinado, as balas perdem-se no terreno.

3.º)—Procurar que a situação das metralhadoras permitam bater a frente das cercas de arame paralelamente ás mesmas.

4.º)—Conhecer quaes poderão ser as possibilidades de avanço do adversario e para isso, ao construir uma linha de resistencia, o official deve colocar-se na posição de atacante afim de melhor se orientar na colocação das trincheiras em lugares apropriados para impedir o avanço.

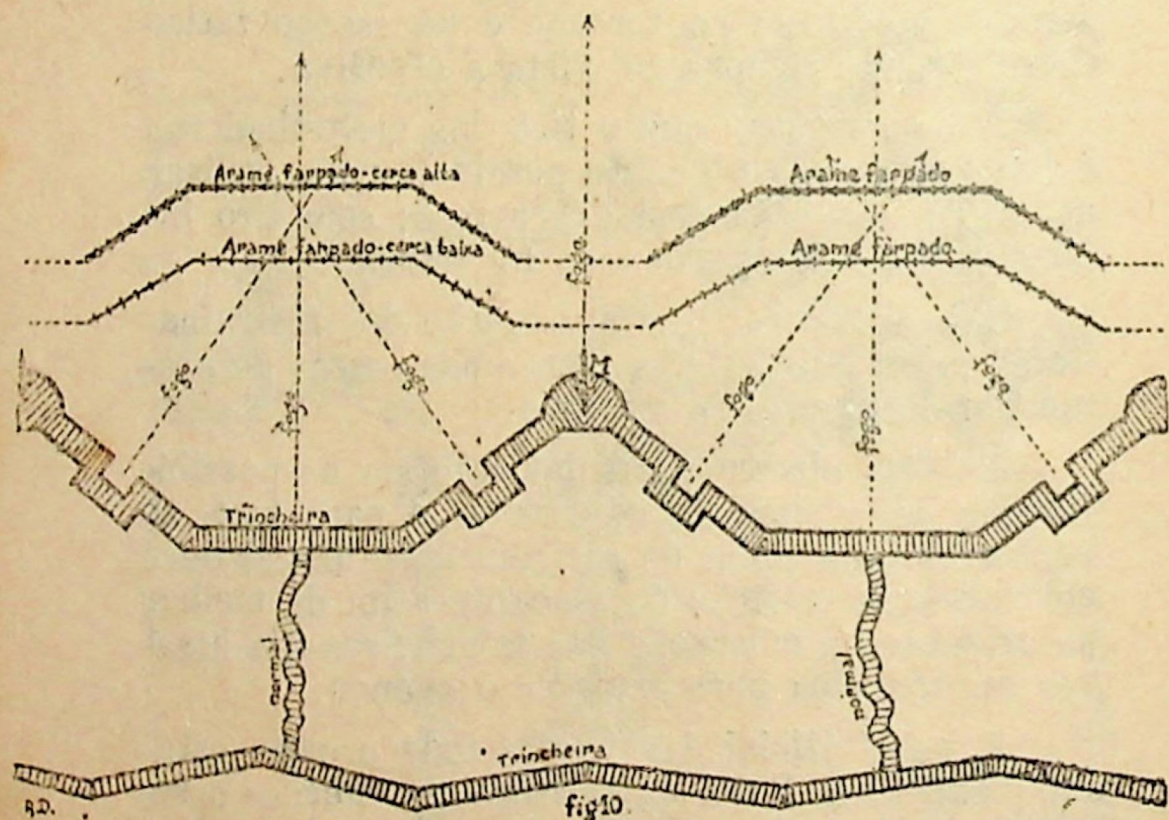
5.º)—O official deverá em todo o caso, estudar tambem a linha de retirada e conhecer a segunda linha onde poderá opôr resistencia.

6.º)—Na construção das cercas de arame farpado deixar cada 100 metros mais ou menos, uma passagem que será fechada, quando preciso com um cavalete preparado de antemão junto da dita passagem.

7.º)—Essa passagem, constituindo um ponto fraco, deverá ter a probabilidade de ser protegida com metralhadora.

8.º)—Procurar que nas frentes das trincheiras a visual seja a maior possível (Campo de tiro).

9.º)—Nunca fazer trincheiras usando pedras.



EXEMPLO DE OBRA DEFENSIVA EM CAMPO RASO

Construir cada 50 a 100 metros elementos de trincheiras conforme indica a fig. 10, onde se observa a disposição das cercas de arame farpa-do. O espaldão das metralhadoras será disposto segundo a fig. 11.

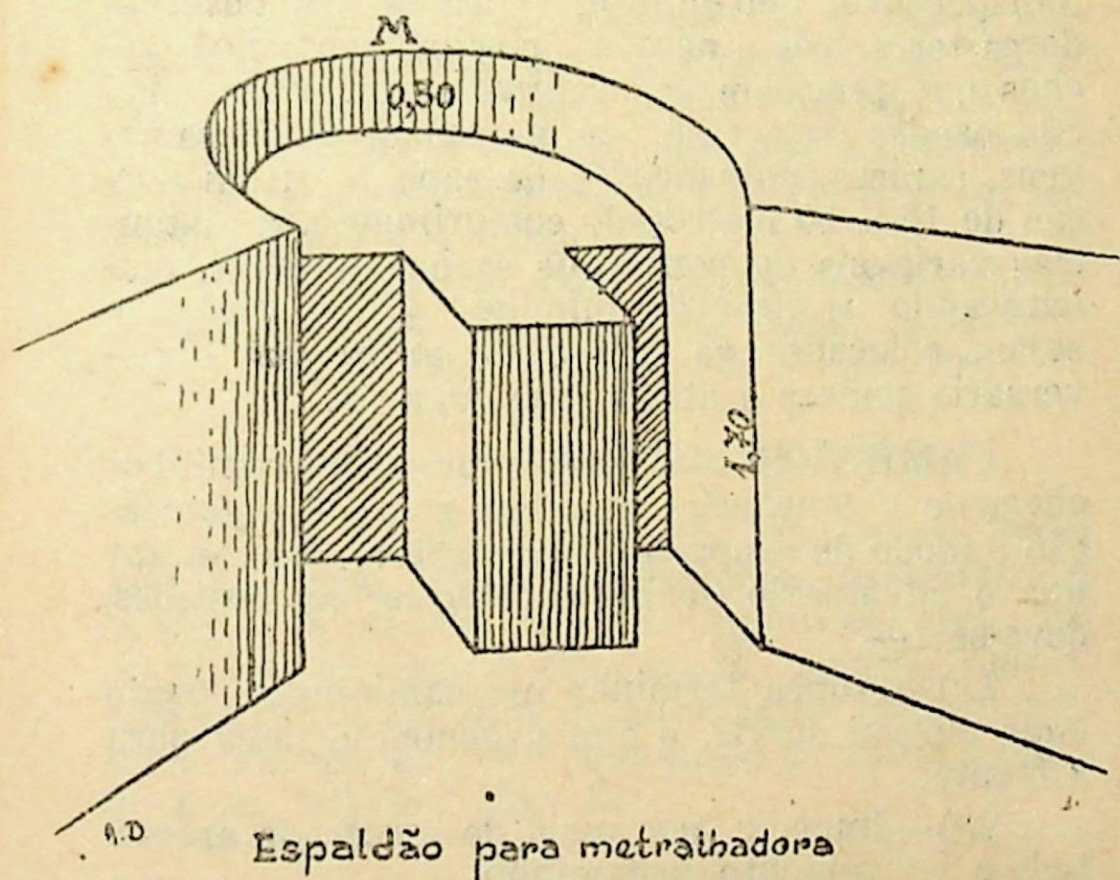


fig 11.

Observação:—Procurar sempre dotar as trincheiras de esgoto; quando não fôr possível póde-se cavar pequenos poços para esse fim.

ESTRADAS E CAMINHOS

ESTRADAS — E' impossivel tornar-se uma estrada invisivel aos olhos do inimigo. Torna-se indispensavel, entretanto, oculta-la aos observadores terrestres e aéreos, principalmente nos trechos que precisam ser utilizados durante o dia. São usadas para esse fim, as máscaras de ramagens, caniços, entrançados de sapé, etc.; em porção de 15 a 20 metros de comprimento, a distancias variaveis do ponto que se quer ocultar, embaraçando os tiros do inimigo. E' preciso que sejam colocadas as máscaras, antes que o adversario comece a atacar taes lugares.

CAMINHOS — Observando-se os caminhos chega-se a conclusões precisas, sobre a organização e modo de occupação de um setôr. Para evitar que o adversario venha a conhecer as posições, deve-se: —

1.º)—Nunca terminar um caminho no ponto onde ele vai servir, e sim prolongá-lo mais para a frente.

2.º)—Impedir, por meio de cercas de arame, todo o alargamento do caminho.

3.º)—Impedir a formação de caminhos sem utilidade real, a não ser que se trate de caminhos para despistar o inimigo.

4.º)—Fazer desaparecer certos caminhos, revolvendo a terra dos mesmos e lançando-lhes sementes.

EXEMPLO DE DEFESA DE UMA ESTRADA DE RODAGEM (fig. 12)

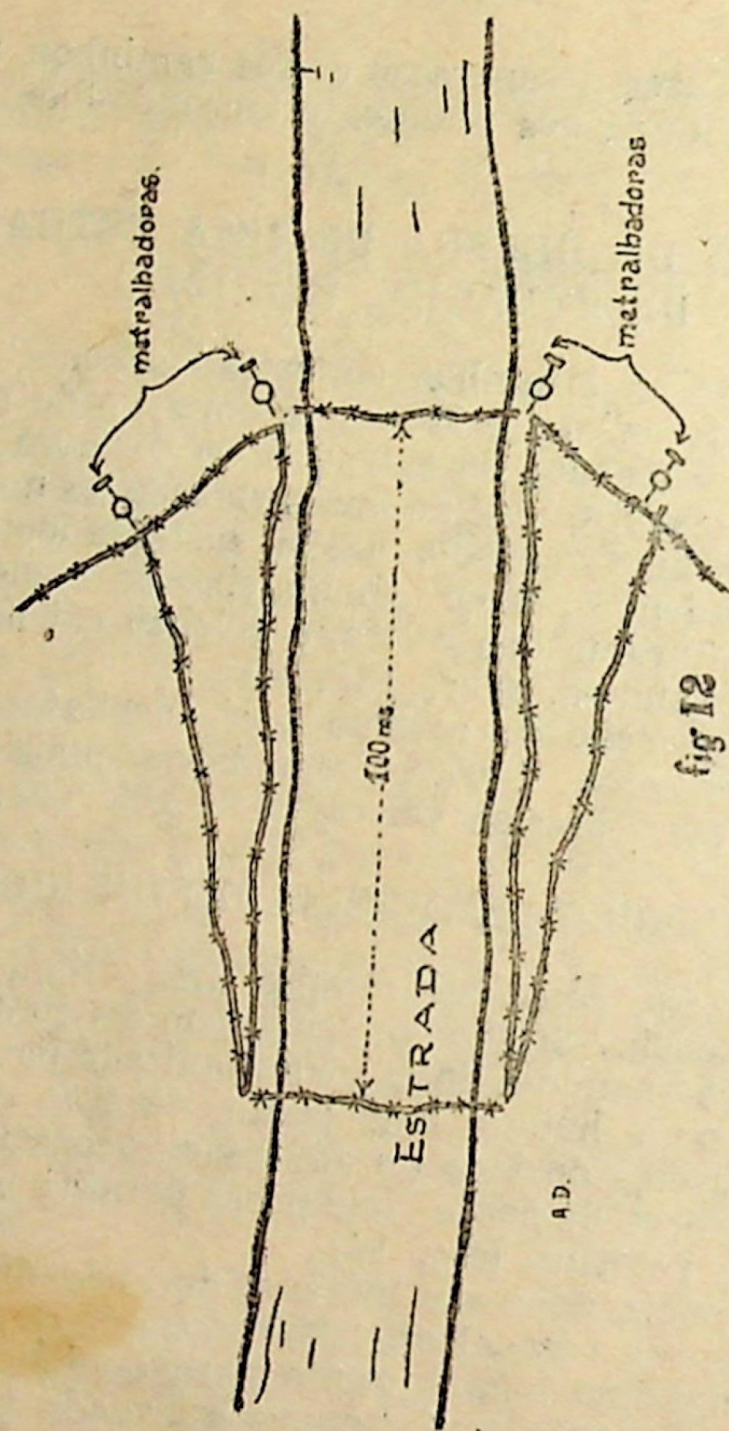
Fechar os caminhos ou estradas com “colchões bulgaros” (fig. 13)—que em caso de perigo, serão tombados na estrada. Os colchões bulgaros são constituídos de uma armação de madeira com arame farpado, e são sustentados com arame, podendo mover-se num eixo de madeira. Cortado o arame que estica, o colchão cái na estrada fechando-a. (fig. 13).

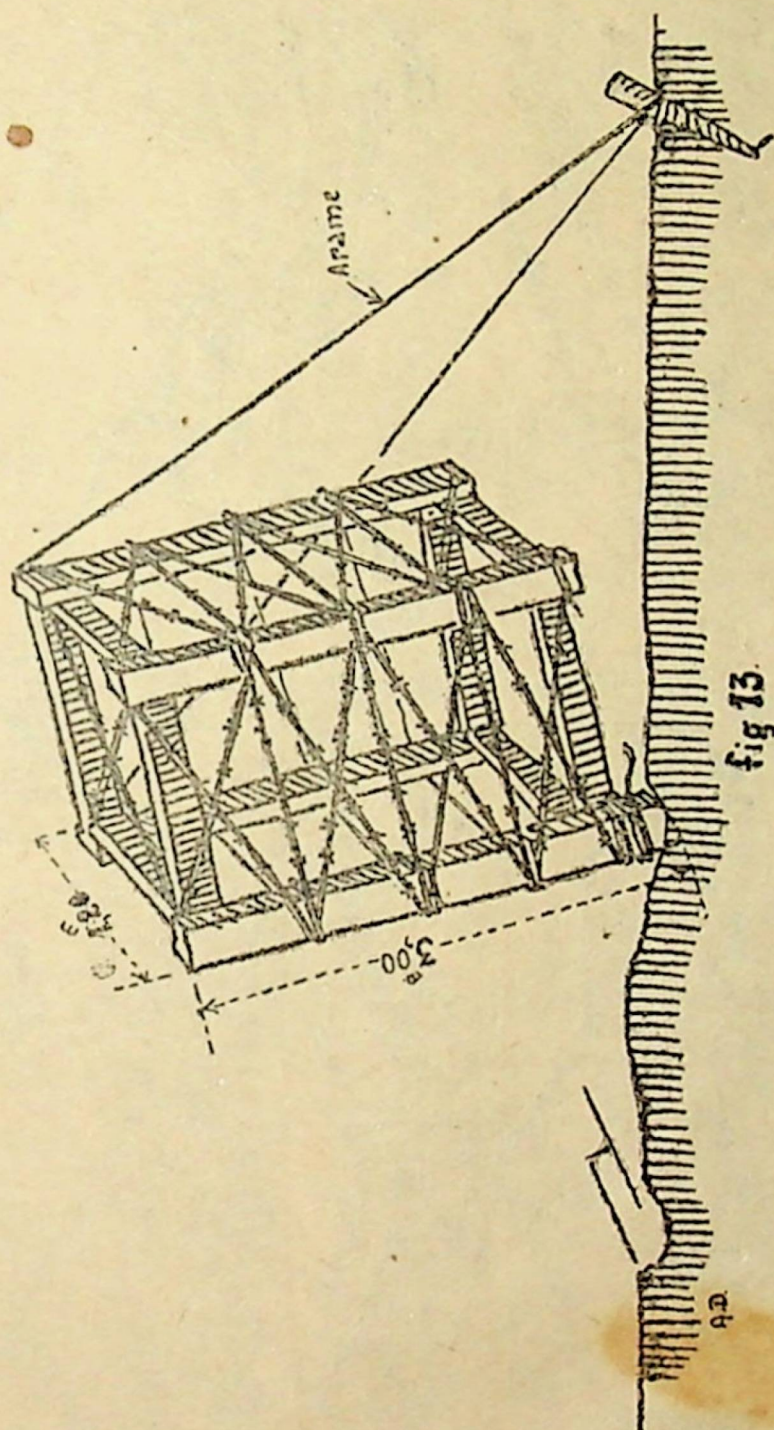
A colocação do colchão será imediatamente dentro da cerca. Para estrada larga, mais de 4 metros, será preciso colocar dois colchões.

EXEMPLO DE DEFESA DE UM RIO

Um rio, constitue sempre uma ótima linha de resistencia. Si não houver ordem em contrario, e, sempre quando a linha fôr organizada para precaução, onde houver uma ponta, deverão conservar-se tropas do lado do adversario, constituindo uma “cabeça de ponte” que possa permitir a offensiva em retorno. (fig. 14).

A ponte deve ser minada, devendo dispor-se para isso de pessoal especializado, que deverá ficar sempre no lugar, pronto para qualquer occorrença. A ponte será sempre guardada por metralhadora.





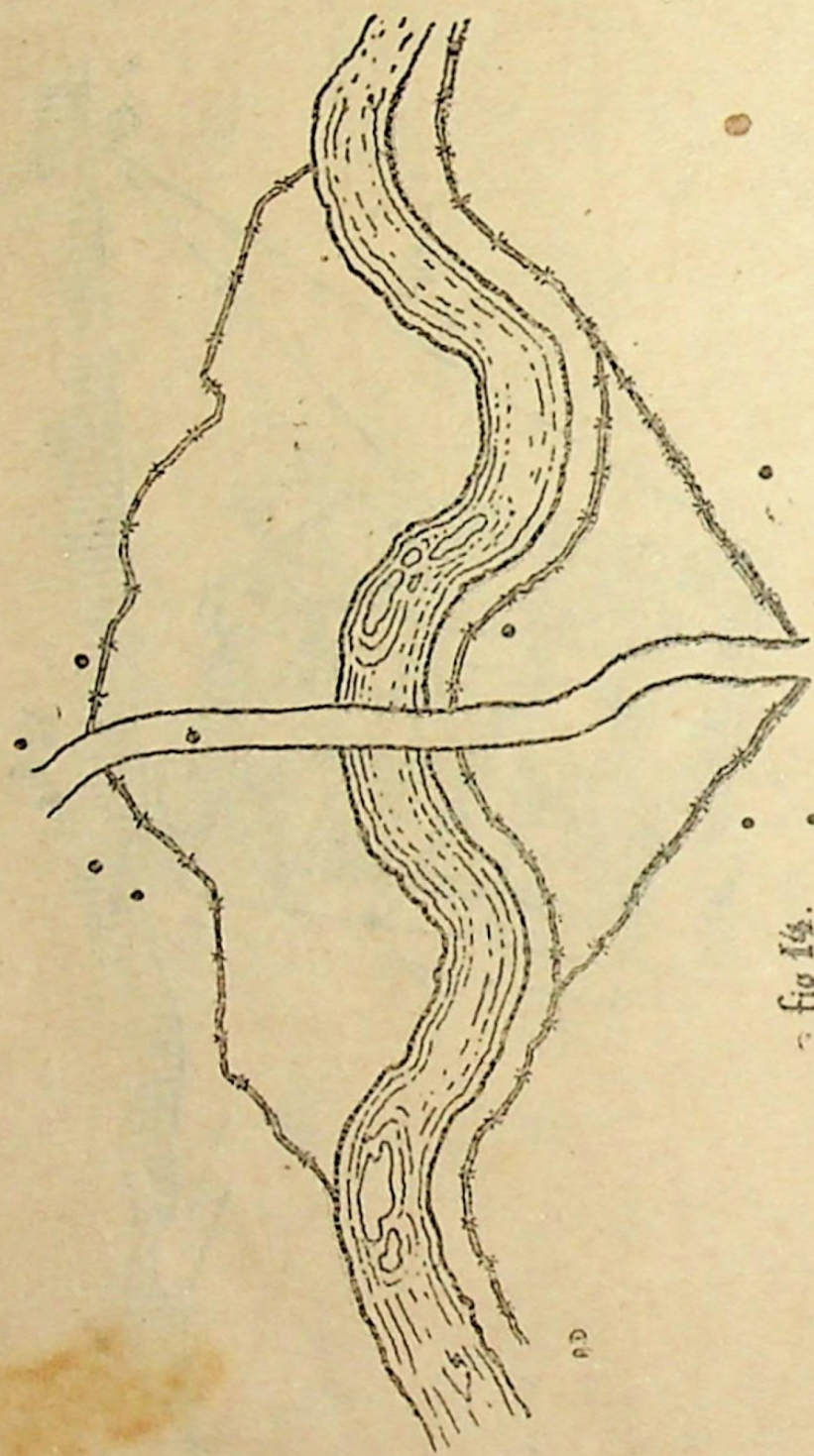


fig 14.

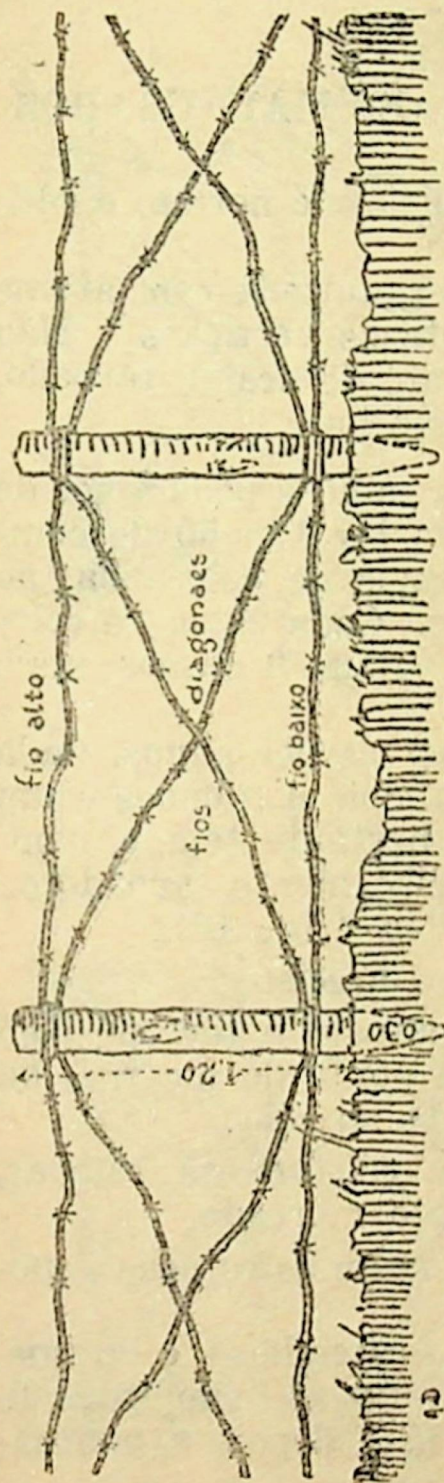


fig 15

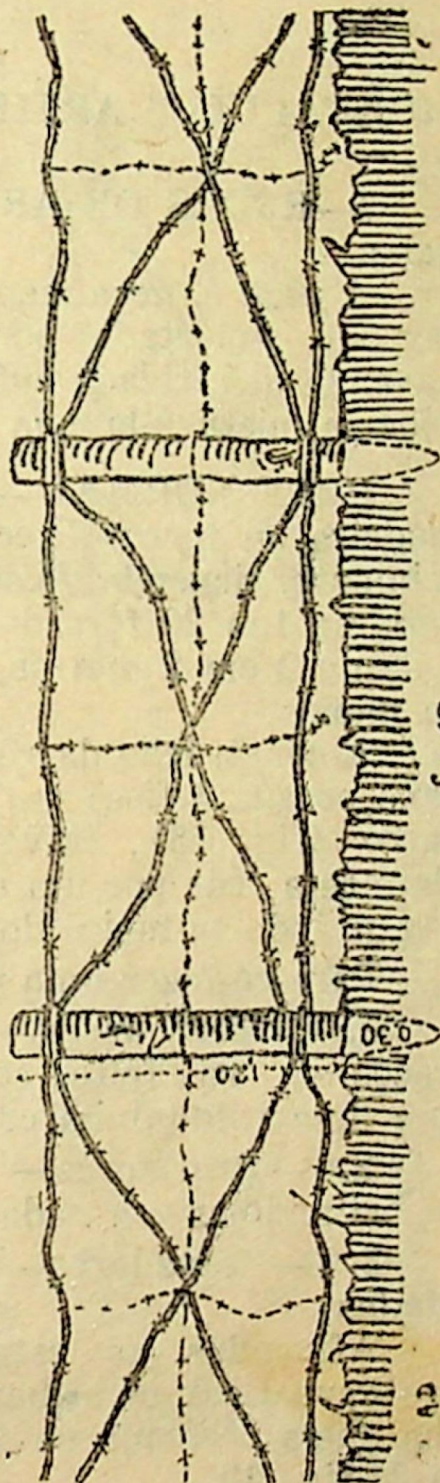


fig 15

OBSTACULOS ARTIFICIAES MAIS USADOS

I—RÊDES DE ARAME: rêde normal e rêde baixa.

A rêde é, geralmente, organizada com arame farpado, suportado por estacas verticaes. Não havendo quantidade suficiente de arame farpado, pode-se misturá-lo com arame liso.

RÊDE NORMAL — As estacas pôdem ser de madeira ou ferro. Precisam, ter 1,m 50 de comprimento, devendo ficar depois de colocadas, no maximo 1,m 20 fóra do sólo. Cada estaca é colocada de 2 em 2 metros, ou sejam, 3 passos, mais ou menos.

A construção da rêde se faz por panos. Cada pano possúe 4 fios: um alto, dois diagonaes e um baixo (fig. 15). Havendo bastante tempo, completa-se a rêde por um entrelaçamento farpado ou liso, unindo os meios dos lados (fig. 16).

Para se fazer uma rêde é preciso:

1.º)—**Marcadores**—Demarcam o terreno com traços em cruz feitos com a ponta da picareta ou com uma estaquinha cravada no sólo.

2.º)—**Provisores**—Transportam as estacas, depositando-as em cada ponto marcado.

3.º)—**Cravadores**—Enterram as estacas depositadas.

Afincadas as estacas, estende-se o arame, que deve ficar meio bambo; faz-se primeiro a linha cheia indicada na fig. 17 e depois a pontuada da fig. 18.

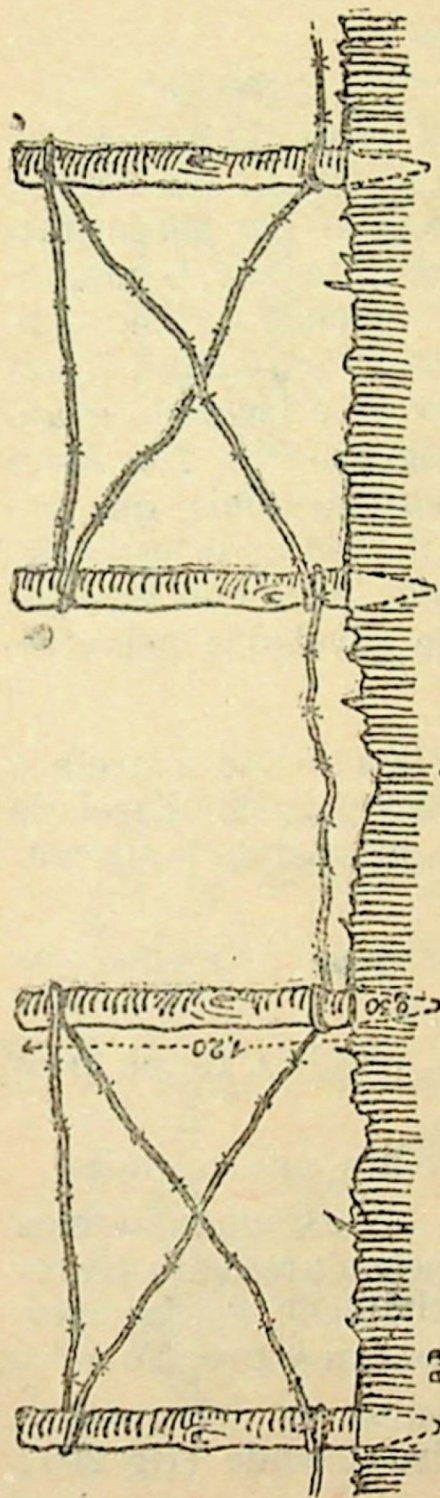


fig 17

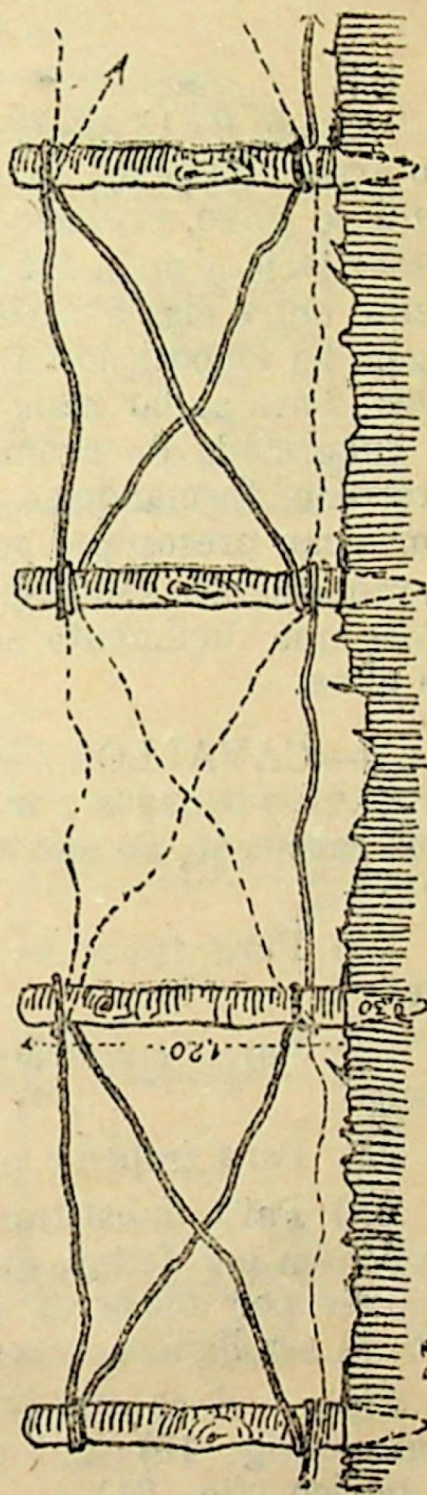


fig 15

RÊDE BAIXA—E' feita, mais ou menos, como a rêde normal. As estacas pôdem ser de madeira ou ferro, preferindo-se estas por serem menos visiveis e mais faceis de enterrar. O afastamento entre elas é variavel, havendo mesmo vantagem na disposição irregular e com largos intervalos. Para andar mais depressa e havendo grande quantidade de arame, enovela-se o fio sobre o terreno, formando-se numerosos aneis, que pôdem ficar presos por meio de algumas estacas. As rêdes baixas são empregadas para encobrir posições que facilmente seriam reveladas pelas rêdes altas.

II—CAVALLOS DE FRISA:—São aparelhos portateis, formados por arame farpado enrolado sobre armação de madeira ou metal, empregados: —

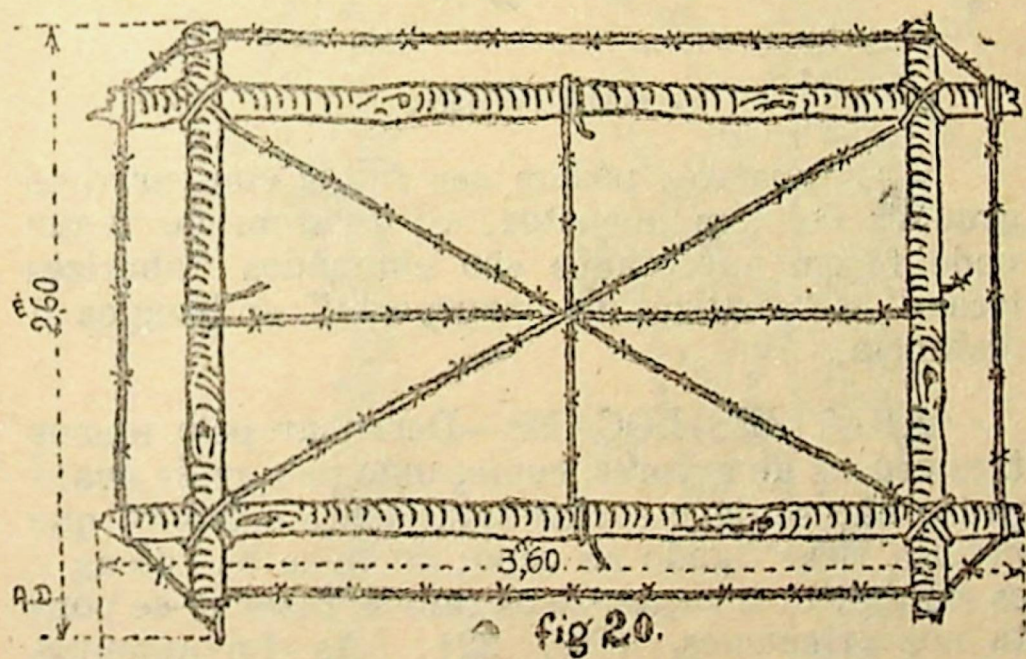
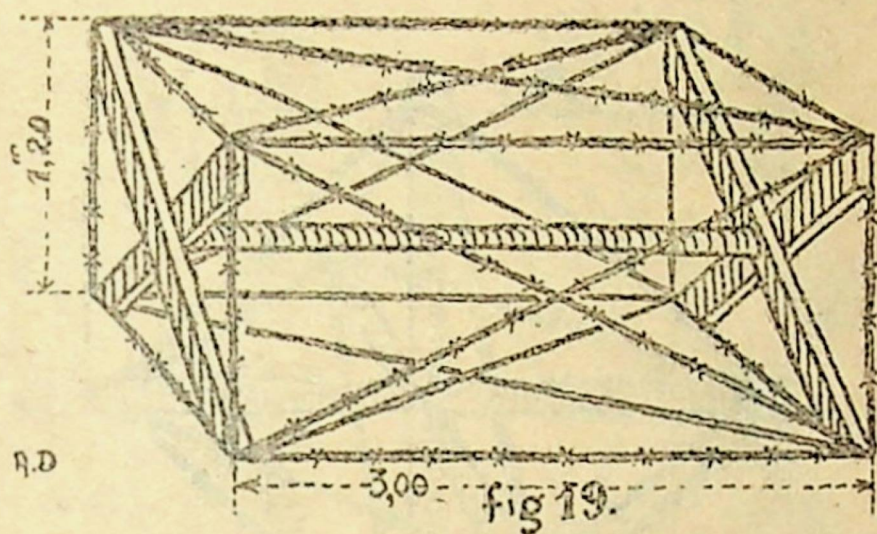
1.º) Para tapar as passagens deixadas nas rêdes.

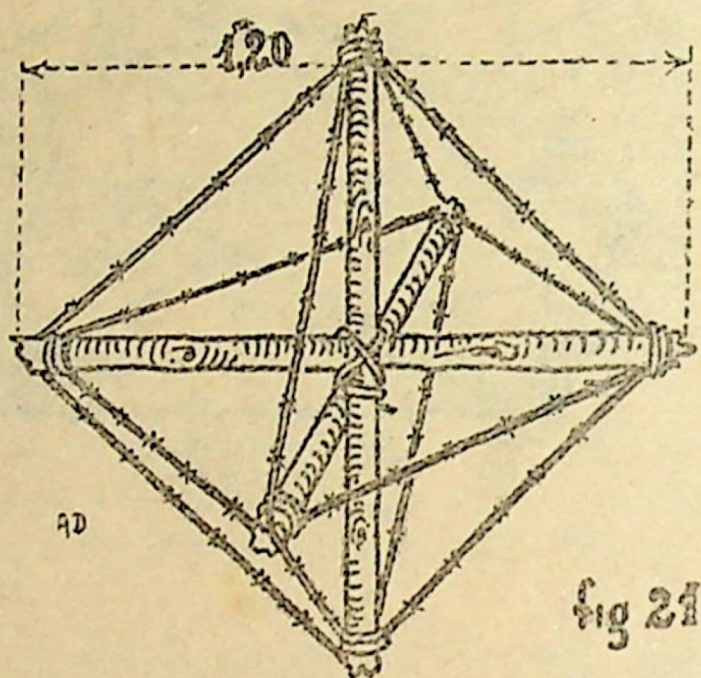
2.º) Para reparação das brechas feitas pelo inimigo.

3.º) Para impedir o transito nas estradas.

4.º) Para substituir as rêdes, quando elas não pôdem ser feitas, quer pela dureza do terreno, quer por causa da proximidade do inimigo, devendo ser ligados entre si e com o proprio sólo.

Tipos principaes de cavalos de frisa:—1.º) cavalete (fig. 19); 2.º) quadro armado (fig 20); 3.º) ouriço (fig. 21).





ABATIZES:

—Os abatizes podem ser feitos com arvores grandes ou com arbustos. Si ficarem no lugar onde forem executados são chamados “abatizes locais” e “abatizes de transporte” si levados á distancia.

ABATIZES LOCAES—Derrubar pelo menos trez ordens de arvores, começando pela mais avançada; não se deve cortar totalmente o tronco que precisa ficar ligado ao cepo; corta-se as folhas e os raminhos; trançam-se os ramos, fazendo-se ponta nos principaes, (fig. 22). As ferramentas para execução dos abatizes:—serra, machado, foice e corda.

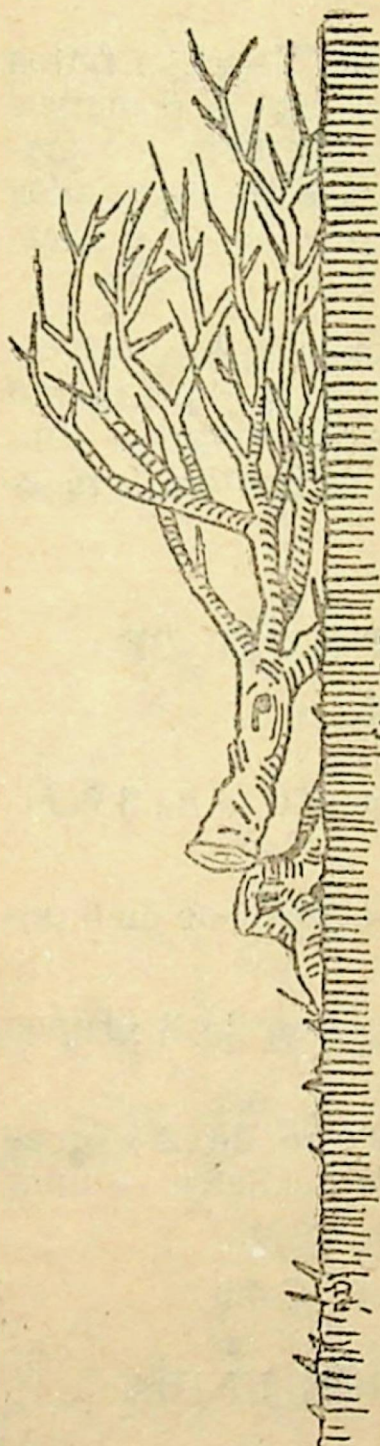


fig 22.

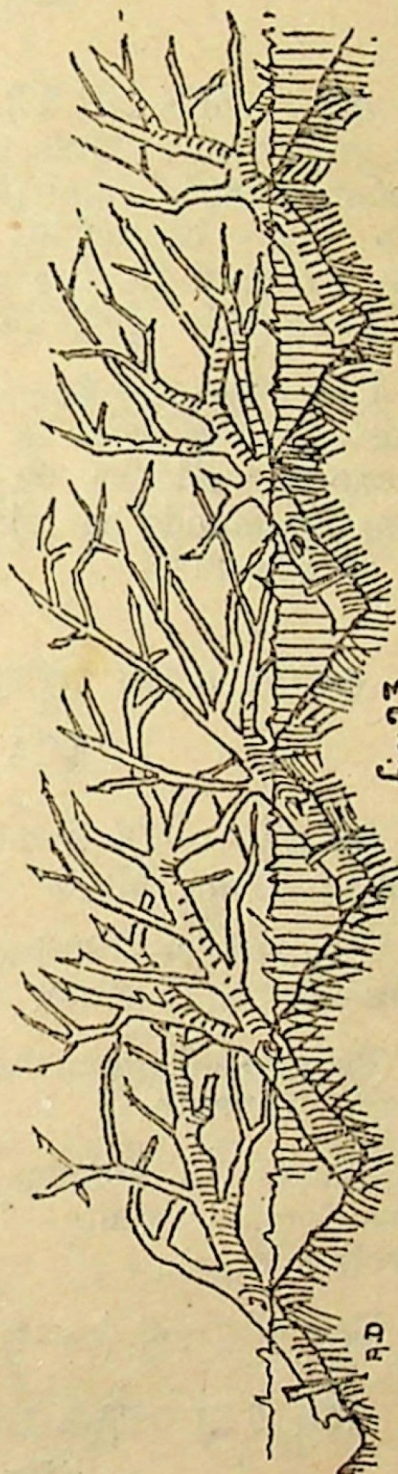


fig 23.

ABATIZES DE TRANSPORTE — São feitos com galhos ou arvores pequenas, isto é, 6 metros de comprimento e um palmo de grossura, no máximo. Esses obstáculos devem ser transportados pelas tropas e fixados ao sólo por meio de estacas de gancho. (fig. 23).

Observação:—Em se tratando de bosques de arbustos, estes deverão ser vergados e presos ao terreno por estacas, ou amarrados, entre si com arame, formando barreiras que dificultem a marcha do adversario.

ORGANIZAÇÃO DO BATALHÃO DE CAÇADORES

Batalhão—400 homens—compõe-se de 3 companhias—Com. Majór.

Companhia—123 homens—compõe-se de 3 pelotões—Com. Capitão.

Pelotão—41 homens—compõe-se de 3 grupos—Com. Tenente.

Grupo—13 homens—compõe-se de 2 esquadras—Com. Sargento—(Uma de fuzileiros e uma de volteadores).

Esquadra—6 homens—Com. Cabo.

UM PELOTÃO EM ORDEM UNIDA (fig. 24)

- ☒ Com^{te} do pelotão.
 ⊕ " " do grupo.
 ○ " " da esquadra.
 ⊙ municiações.
 < atirador do F.M.
 ⊞ remuniciadores.
 ⊙ granadeiro lançador
 ⊙ volteadores.

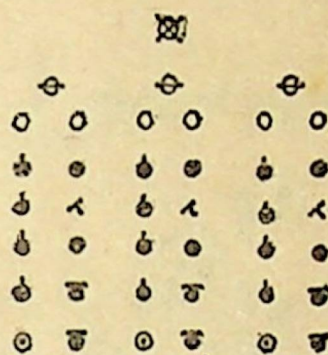


fig 24.

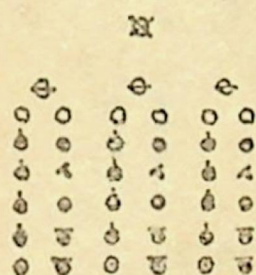


fig 25.

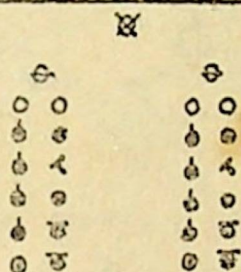


fig 26

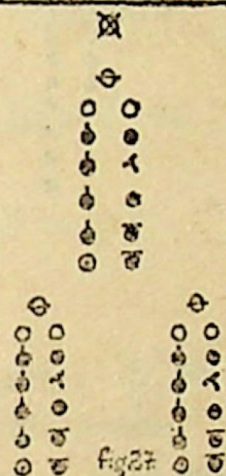


fig 27

UM PELOTÃO EM MANEABILIDADE

Póde tomar inumeras posições. Exs.:—(figs. 25, 26 e 27).

FORMAÇÃO DE ATAQUE

As esquadras ficam afastadas, entre si, uns 50 passos, formando cada uma 2 focos (fig. 28). Estes focos avançam á maneira dos pés de pagaio.

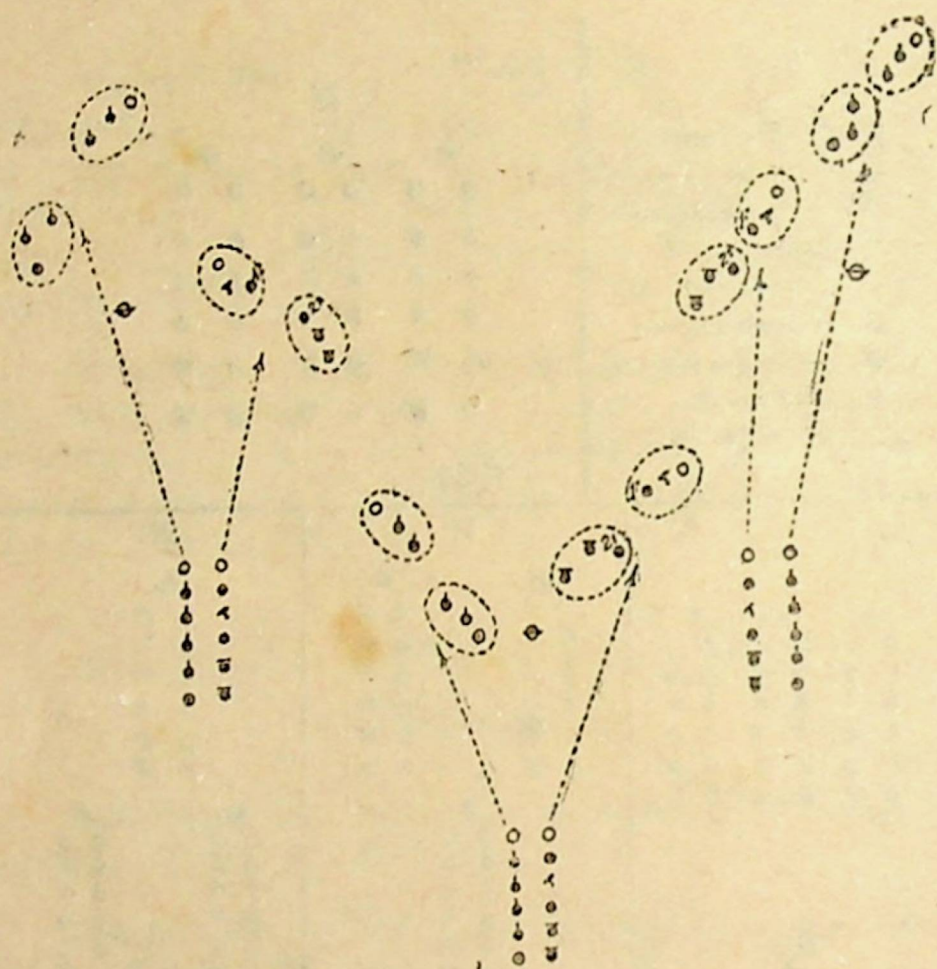


fig 28.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

I

Ouviram do Ipiranga ás margens placidas
De um povo heroico brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fulgidos,
Brilhou no céu da Patria nesse instante.
Se o penhor dessa igualdade,
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a propria morte,
O' Patria amada, idolatrada
Salve, Salve,
Brasil um sonho intenso, um raio vivido,
De amor e de esperança á terra desce,
Si em teu formoso céu risonho e limpido
A imagem do Cruzeiro resplandece,
Gigante pela propria natureza,
E's belo, és forte impávido colosso
E o teu futuro espelha essa grandeza,
Terra adorada,
Entre outras mil,
És tú Brasil, ó Patria amada,
Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Patria amada Brasil!!!

II

Deitado eternamente em berço esplendido,
Ao som do mar á luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da America,
Iluminado ao sol do Novo Mundo.
Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida em teu seio, mais amores
O' Patria amada, idolatrada,
Salve! Salve! Brasil de amor eterno seja simbolo.
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde louro dessa flamula
Paz no futuro e gloria no passado.
Mas si ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge á luta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte,
Terra adorada,
Entre outras mil,
E's tú Brasil,
O' Patria amada!
Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Patria amada Brasil!

SAUDAÇÃO A' BANDEIRA

(Versos de Olavo Bilac).

Salve lindo pendão da esperança,
Salve simbolo augusto da paz!
Tua nobre presença á lembrança
Da grandeza da Patria nos traz.

Em teu seio formoso retratas
Este céu de purissimo azul,
A verdura sem par destas matas
E o esplendor do cruzeiro do sul.

Contemplando o teu vulto sagrado,
Compreendemos o nosso dever;
E o Brasil, por seus filhos, amado,
Poderoso e feliz ha de ser.

Sobre a imensa nação brasileira,
Nos momentos de festa ou de dôr,
Paira sempre a sagrada bandeira,
Pavilhão de justiça e de amôr!

Estribilho

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito varonil,
Querido simbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

REDENÇÃO

(Versos de Paulo Gonçalves)

Prometemos salvar o nosso povo
Pela dedicação mais varonil;
Porque nós somos como um sangue novo
Purificando o corpo do Brasil.
Se um dominio funesto nos infama,
Comprometendo até nosso porvir,
Empunhe cada qual a sua flama,
Que é dever de nós todos reagir!

Côro:

Vem connosco oh! brasileiro!
Auxilia os teus irmãos!
Temos na frente—o Cruzeiro!
Temos a Patria—nas mãos!

São os genios da nossa independencia,
Cuja sombra palpita sobre nós,
Que protestam por nossa consciencia,
E estão cantando pela nossa vóz!
Nosso proprio destino é que te exorta
A cumprir este civico dever: —
Nós é que temos de forçar a porta!
Nós, só nós, é que temos de vencer!

